

---

## A visão marista requer uma visão ampla

---

Não oferecemos sugestões finais para a ação, e não podemos fazê-lo, porque a nossa ação deve sempre incluir a aprendizagem, aberta ao encontro com os outros e aberta às verdades que aprendemos da Terra e de Deus.

(Comité Católico dos Apalaches, 2015)

Brian Poulin, fms  
Província dos Estados Unidos  
Responsável pela Pastoral Vocacional



**E**u não tinha conhecido ainda um Irmão marista quando comecei a discernir se deveria ou não me tornar um deles. Eu era um leigo americano que vivia no estrangeiro e que estava a regressar à fé católica da minha infância. Eu sentia-me atraído por experiências interculturais e era apaixonado pelo trabalho da educação. Eu também tinha um coração apaixonado pelos pobres e uma curiosidade sobre um possível chamado à vida religiosa. Quando encontrei a página dos Irmãos Maristas na Internet, essa abertura se transformou num entusiasmo genuíno. E essa abertura crescia com o tempo. Depois de alguma correspondência inicial e algumas conversas telefónicas com o responsável vocacional, só visitei os maristas duas vezes. Quando os encontrei pela terceira vez para para começar o postulante, em setembro de 2008. Desde que entrei na Província dos Estados Unidos, trabalhei como professor e encarregado da pastoral na universidade. Atualmente sou o responsável do trabalho vocacional. Fiz os meus votos perpétuos em 2016.

Durante o meu discernimento inicial li pela primeira vez “Água da Rocha”, e imediatamente percebi que a abordagem marista do discipulado apresentava uma maneira genuína de ler e viver o Evangelho que fazia sentido intuitivamente para mim. A exploração contínua do carisma que recebemos por parte do nosso Instituto continua a atrair-me, à medida que vamos descobrindo o que significa ser marista juntos neste mundo.

A recente ênfase em nosso Instituto sobre a liderança servidora nos pede para estarmos cada vez mais conscientes sobre a maneira de como devemos ser líderes, independentemente de nossa posição em qualquer organograma. As nossas escolhas e atitudes influenciam os outros, quer



queiramos ou não. Como escreveu o P. Champagnat na sua carta ao Ir. Barthélemy, a propósito dos alunos que tinha a seu cargo :“Toda a sua vida será o eco do que lhes tiveres ensinado” (n. 19). Educadores, mentores, guias e companheiros de todos os tipos sabem bem que ensinamos muito mais pelo nosso exemplo, bom ou mau, do que por uma simples transmissão de conhecimentos.

O mandato dado a todos os maristas pelo Pe. Champagnat de amar Jesus e de torná-lo conhecido e amado exige que crescamos primeiro na nossa capacidade de reconhecer a sua presença naqueles que nos rodeiam e de atender melhor a essa presença de Cristo refletida em tantos rostos humanos. Dizer que este é o objetivo do nosso Instituto Marista não subordina as obras sociais ao catecismo, mas nos lembra de liderar com amor, qualquer que seja a nossa ocupação. Como muitos maristas, fiquei profundamente impressionado com a visão do Pe. Champagnat de que “para ensinar as crianças, é preciso primeiro amá-las e amá-las todas igualmente”. Nos últimos anos, porém, passei a acreditar que se Champagnat estivesse envolvido na área da saúde, ele teria dito o mesmo sobre o tratamento dos pacientes, e se ele fosse um agricultor, ele teria dito o mesmo sobre o cultivo de alimentos. Fazer qualquer coisa digna de uma maneira verdadeiramente cristã exige que abordemos as nossas tarefas de uma maneira amorosa. Ao prestarmos um serviço amoroso aos outros, estamos, de facto, a servir Cristo, neles. Como Maristas, aprendemos com Maria a servir Deus e os outros..

Maria nos ensina a começar com um coração que escuta. Mesmo antes de me tornar Irmão Marista, dei-me conta de que era muito mais fácil que os meus alunos me escutassem fora do período de aula, do que nas próprias aulas. Na minha pastoral vocacional, prefiro ter uma conversa inicial com um interessado, convidando-o a contar-me a sua história, do que dirigir-lhe primeiro uma lista de perguntas específicas ou um discurso sobre o Instituto e o carisma maristas. Há informações que eventualmente terei que recolher e partilhar, mas primeiro devo fazer o meu melhor

para reconhecê-lo na sua personalidade. Se estou a representar a nossa família marista perante ele, devo responder-lhe como Maria o faria.

Maria também nos ensina como responder a desafios confusos. Embora sempre me sentisse atraído pela pastoral vocacional, quando me foi formalmente oferecida essa responsabilidade, senti que me era dada uma oportunidade maravilhosa, mas no momento errado. Como Maria, partilhei as minhas apreensões com o meu Provincial e outros que me ajudaram a discernir. Mas quando as minhas dúvidas não foram suficientes para dissuadir aqueles que confiavam em mim, acabei por dizer “sim”, sabendo que tudo é possível com Deus.

Certamente, Maria da Visitação, Maria em Caná e Maria aos pés da Cruz ensinam-nos diferentes maneiras de responder às necessidades do povo de Deus. O exemplo de Maria ajuda-nos também a encontrar o nosso lugar na comunidade, tanto em Caná, onde somos desafiados a responder às necessidades humanas alheias à nossa missão estritamente definida, como no Cenáculo, onde, reunidos, nos abrimos às inspirações do Espírito Santo. Ela não tinha de aprovar ou compreender as escolhas de uma pessoa para a amar genuinamente, como o sublinha a sua luta para compreender as perigosas escolhas ministeriais de Jesus. Não é verdade que cada um destes exemplos bíblicos nos coloca desafios convincentes sobre as implicações da presença marista?

Para uma pessoa que causou um impacto tão incrível, creio que a maior parte da atividade de Maria foi demasiado insignificante para ser registada. Ela trocava fraldas, contava histórias para dormir, limpava, cozinhava e encontrava maneiras simples e criativas de economizar dentro de uma casa modesta. As suas maiores contribuições nunca teriam aparecido numa avaliação de desempenho ou num relatório de impacto e, no entanto, conhecemo-la pelos seus frutos.

Aprendi que uma concentração exclusiva num determinado objetivo – no meu caso, a pastoral vocacional – pode ser prejudicial para a sua realização efetiva. Por exemplo, para construir a confiança necessária com os jovens, preciso de colocar a sua dignidade à frente de qualquer agenda que eu possa ter; preciso de arranjar tempo para aqueles que sei que não são chamados à nossa vida, e também preciso de colocar os frutos de um discernimento autênti-



co à frente das minhas próprias preferências. Esta parece-me ser uma distinção fundamental entre o ministério e um mero emprego. Embora todos nós tenhamos os nossos processos e estratégias, deixemos espaço, dentro de nós, para acolher o movimento do Espírito vivificante. Planejemos responsabilmente para obter resultados desejáveis, reconhecendo ao mesmo tempo que Deus está no controle final. Nosso projeto marista continuará a florescer enquanto estivermos ao serviço dos propósitos de Cristo e não dos nossos próprios.

Temos muito a celebrar como maristas. Não somente temos um rico património e muitas realizações, mas, mais importante ainda, temos uma espiritualidade que nos lembra não somente de reverenciar, mas também de gozar a presença de Deus entre nós. Que nos lembremos sempre da

natureza sagrada da nossa missão e da nossa comunidade, do nosso trabalho comum e do nosso lazer vivido em conjunto. Como servidores uns dos outros, bem como daqueles que nos são confiados, deixemo-nos conduzir cada vez mais para o coração de Jesus.



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para [fms.cimm@fms.it](mailto:fms.cimm@fms.it)